

Habitus da Arquivologia: as funções arquivísticas pelo Princípio da Proveniência

Ívina Flores Melo Ministério da Saúde, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6308-6935>
ivinaflores@gmail.com

Angelica Alves da Cunha Marques Universidade de Brasília, DF, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4642-5912>
angelicacunha@unb.br

Renato Tarciso Barbosa de Sousa Universidade de Brasília, DF, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5647-7903>
renatosousa@unb.br

Resumo O *habitus* da Arquivologia deriva da noção de *habitus* de Bourdieu (2009), a qual preconiza que este é uma combinação de aspectos sociais, históricos, políticos e institucionais nas relações entre o campo e o capital científicos. Apropriados à Arquivologia, o *habitus* configura-se pelas heranças teóricas, calcadas no Princípio da Proveniência e comunicadas por autores que contribuíram para os saberes arquivísticos. Entendemos que o *habitus* da Arquivologia pode ser compreendido a partir das biografias dos autores de manuais da área, selecionados da literatura arquivística internacional, por sua vez analisada pelo Método da História Cruzada que propõe uma análise relacional dos percursos histórico-epistemológicos de uma disciplina científica, conforme os seus fundamentos. Fragmentos dessas histórias, registrados em suas biografias, nos permitiram visualizar os contextos sociais, as formações/titulações, alguns traços de personalidade, suas redes de sociabilidade seus diálogos e seus (des)encontros, entre alianças, conflitos e interesses, em busca de reconhecimento, financiamento, posições e cargos melhores e prestígio pessoal. A tríade campo, capital e *habitus* da Arquivologia é demarcada por fatos históricos (Guerras Mundiais, a Revolução Francesa e a Industrial). Esses marcos impulsionaram os autores a pensarem em soluções inovadoras, culminando em avanços que se refletiram na compreensão da organicidade como essência dos documentos de arquivo. Ao analisarmos o conteúdo dos manuais e a biografia dos seus autores, as opções teóricas da Arquivologia não aconteceram ao acaso, mas condicionadas por contextos e acontecimentos históricos e relacionadas às histórias dos próprios autores nos movimentos de transcendência da ciência.

Palavras-chave Habitus da Arquivologia. Princípio da Proveniência. Funções Arquivísticas

Archival Science *Habitus* : The archival function by the Principle of Provenance

Abstract The Archival Science *habitus* comes from Bourdieu's (2009) notion of *habitus*, which is a set up of social, historical, political and institutional aspects among the field and scientific capital. If used to base the to Archival Science, the *habitus* is made by theoretical legacies, based on the Principle of Provenance and written by authors who have built archival knowledge. We understand that The Archival Science *habitus* can be understood from the biographies of the manual authors, selected from a list of international archival guidelines, then they are analyzed by the Cross-History Method in which proposes a relational analysis of the historical-epistemological paths of a scientific discipline, according to its core. Fragments of these stories, recorded in their biographies, allowed us to visualize the social contexts, formations/titles, some personality traits, their sociability networks, their dialogues and their (mis)encounters, influenced by alliances, conflicts and interests. The triad field, capital and The Archival Science *habitus* is demarcated by historical facts (World Wars, the French and Industrial Revolutions). These milestones spurred the authors to think about innovative solutions, culminating in advances that were reflected in the understanding of organicity as the essence of records and archives. When analyzing the content of the manuals and the biography of their authors,

the theoretical options of Archival Science did not happen by chance, but conditioned by historical contexts and events and related to the stories of the authors themselves in the movements of transcendence of science.

Keywords

Archival Science Habitus. Principle of Provenance. Archival Science functions.

Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>Submetido em 16/09/2022
Aprovado em 30/10/2022
Publicado em 01/01/2023

1 INTRODUÇÃO

A Arquivologia, em sua trajetória como disciplina científica relativamente autônoma e em constante busca por sua identidade, conecta locais, pessoas e acontecimentos que demandam estudos para a compreensão do “transcendental histórico” da disciplina, ou seja, do seu *habitus* (BOURDIEU, 1983, 2001, 2004). Dentre tantas possibilidades, uma investigação histórico-epistemológica retoma práticas institucionalizadas que culminam em dispositivos de institucionalização da disciplina.

O *habitus* da Arquivologia pode ser visto e interpretado a partir de diversos dispositivos, os cursos de formação dos arquivistas, os manuais, os eventos e periódicos científicos, a legislação da área, a terminologia e o associativismo. A atenção a eles remete ao prestígio da disciplina e da crescente vitalidade de seu desenvolvimento, apontando para a tradição de países como França, Itália e Estados Unidos, bem como para o reconhecimento da importância dos arquivos diante das suas funções administrativas e históricas (BELLOTTO, 1980).

Nossa discussão concentra-se nos manuais científicos, pelo estudo do Princípio da Proveniência, dos seus percursos prático-teóricos e das suas relações com as funções arquivísticas, aqui entendidas como técnicas desdobradas do Princípio da Proveniência. Para tanto, nos apropriamos das noções de campo científico, *habitus* e capital científico de Pierre Bourdieu (1983, 2001, 2004). Tomamos o campo científico como cenário que, respaldado pelo capital científico e simbólico, se configura pelo *habitus* da Arquivologia, pelas heranças prático-teóricas, calcadas no Princípio da Proveniência e comunicadas por autores que contribuíram para a edificação dos saberes arquivísticos. Como derivação da organicidade, o Princípio da Proveniência influencia as maneiras pelas quais os autores apresentam as funções arquivísticas (classificação, avaliação e descrição) e as relacionam com ele, nos seus manuais, que, por sua vez, refletem a configuração do *habitus* ao longo do tempo.

Este artigo busca discutir como o *habitus* da Arquivologia se constituiu nos saberes arquivísticos; em que contextos as funções arquivísticas foram relacionadas ao Princípio da Proveniência e quais as influências do *habitus* na configuração dessas funções. Tem-se por objetivo sistematizar como o *habitus* da Arquivologia aparece na literatura da área nas interfaces entre o Princípio da Proveniência e das funções arquivísticas (MELO, 2021), aqui, resumidamente.

Nosso percurso metodológico foi construído num viés qualitativo, exploratório e descritivo, a partir das biografias dos autores de manuais da área, selecionados da literatura arquivística

internacional (MARQUES, 2011), por sua vez analisada pelo Método da História Cruzada (WERNER; ZIMMERMANN, 2003), numa visão relacional da formação histórico-epistemológica de uma disciplina científica. Conforme Werner e Zimmermann (2003), o Método da História Cruzada proporciona ao pesquisador senso crítico perante seu objeto, propiciado por reflexões que têm como base as estruturas sociais, no nosso caso, tão caras à significação dos espaços sociais da Arquivologia pelo *habitus* (MELO, 2021).

Pelo Método da História Cruzada (WERNER; ZIMMERMANN, 2003), efetuamos pesquisa bibliográfica e documental das biografias dos autores dos manuais arquivísticos internacionais mapeados na tese de Marques (2011). Do quadro de obras apresentado pela autora, buscamos em bibliotecas, arquivos, sebos, livrarias e sítios eletrônicos, aqueles que podiam ser acessados e/ou adquiridos. Desse levantamento, foram localizadas 38 obras, das quais seis organizadas e editadas por instituições (*Association des Archivistes Français, Society of American Archivist, Diputación Provincial de Sevilla, National Archives and Record Services, Direction des Archives de France e Association of Canadian Archivists*), que não foram analisadas por não comporem o recorte da pesquisa que considerou apenas manuais escritos por autores, pessoas físicas, ainda que eu conjunto como é o caso de Yves Rosseau e Carol Couture.

Para sistematizar as funções arquivísticas, realizamos uma pesquisa bibliográfica dos 38 manuais arquivísticos internacionais (APÊNDICE A), estudados em ordem cronológica de publicação, sendo o primeiro o “Manual dos Arquivistas Holandeses”, de 1898 (MULLER; FEITH; FRUIN, 1960).

2 CAMPO, HABITUS E CAPITAL CIENTÍFICO

As três noções se entrecruzam nas relações de espaço, tempo e regulação (BOURDIEU, 2001). O campo científico é o espaço onde os atores interagem, *locus* de disputas e alianças simbólicas por reconhecimento, prestígio, autoridade e posições estratégicas. Esse espaço conjuga lutas e forças, simultaneamente evidenciando conflitos e parcerias entre a reiteração e a subversão de sua estrutura. As referidas dinâmicas elas tecem as fronteiras entre campos, subcampos e disciplinas científicas, propiciando o trânsito de agentes, de suas ideias e influências.

Enquanto o campo científico está para o espaço, o *habitus* está para o tempo, ao alinhar as interações na estrutura do campo entre passado, presente e futuro. Movimentos históricos

agregam experiências aos agentes e robustecem o campo, ratificando e renovando o *habitus* pelo capital científico. O campo, dessa forma, é o espaço de representação simbólica dos interesses dos agentes, tendo como basilar o *habitus* (elo temporal entre os agentes que o compõem).

Tanto campo quanto *habitus* são regulados pelo capital científico operacionaliza as regras de funcionamento do espaço (campo), de acordo com o entendimento e a legitimação do *habitus*, entre as histórias e experiências dos seus agentes. O capital, em suas vertentes institucional (política) e científica (pura), guia o cientista em torno das regras do campo, isto é, deixando transparecer conflitos, alianças, autoridades, prestígios etc. que determinam e são determinados pela estrutura histórica do campo científico. Assim, o funcionamento do campo, suas práticas, seu *nomos* (lógica própria de funcionamento), seus mecanismos de produção científica são definidos pela estrutura que o delinea ao longo do tempo, o “transcendental histórico” ao qual nos referimos no início.

Enfatizamos a noção de *habitus*, nuclear neste artigo, com o propósito de retomarmos as principais funções arquivísticas sob o Princípio da Proveniência, posicionado entre as experiências e a elaboração científica da Arquivologia, incorporando práticas e teorias instituídas que acabaram por institucionalizá-lo como uma disciplina científica (MARQUES, 2011; MELO, 2021). As experiências trazidas pelos agentes – profissionais de/nos arquivos, docentes, pesquisadores, discentes da Arquivologia – transcendem o passado e nos permitem a compreensão do presente (a configuração atual da disciplina), assim como a prospecção de cenários futuros para a disciplina e os agentes que no seu escopo atuam.

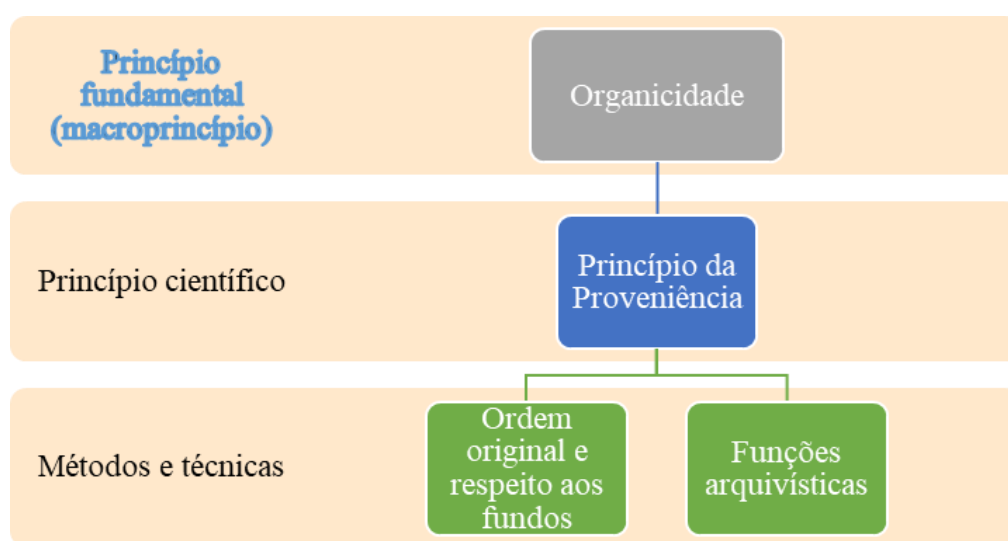
Numa visão mais ampliada, transc científica (KNORR-CETINA, 1981), o *habitus* ainda nos permite analisar as realidades por entre e para além das fronteiras do campo científico no decurso do tempo e da história em uma variedade de perspectivas. O *habitus*, portanto, se traduz pelas experiências trazidas e vividas dentro do campo e reguladas pelo capital, pela atuação dos agentes em luta e em cooperação. A métrica dessas interações pode ser apreendida pela comunicação científica, isto é, pela produção científica no campo científico, que reitera tradições e paulatinamente se abre a inovações.

3 O HABITUS, A PROVENIÊNCIA E AS FUNÇÕES ARQUIVÍSTICAS

Para analisar o *habitus* da Arquivologia a partir das biografias dos autores dos 32 manuais selecionados, pressupomos que a organicidade é o “macroprincípio” fundamental da Arquivologia

e que, quando não se identifica sua aplicação, não podemos sequer dizer que se trata de documentos de arquivo (BELLOTTO, 1980). O Princípio da Proveniência, desdobrado da organicidade, é o princípio mais aceito pela comunidade científica, uma vez que a sua aplicação não é unânime atualmente. Nesse sentido, entendemos que os demais “princípios”, como o de respeito aos fundos e o de respeito à ordem original são métodos decorrentes do Princípio da Proveniência, enquanto as funções arquivísticas podem ser consideradas como técnicas (MELO, 2016), conforme ilustrado na figura 1.

Figura 1: Representação dos elementos epistêmicos da Arquivologia



Fonte: Melo (2021, p.39)

Conforme nossa pesquisa bibliográfica, o Princípio da Proveniência teve seu desenvolvimento em três momentos: 1) o da sua concepção; 2) o da complementação da sua definição; e 3) o da ratificação dessas definições. No primeiro, constatamos um esforço na identificação das origens do Princípio de Respeito aos Fundos – reiteradamente tido como sinônimo de Princípio da Proveniência–, em diversos países, a partir das práticas locais, sobretudo naqueles que, de alguma maneira, dialogaram com a França. Observamos que havia uma narrativa comum no entendimento de que o Princípio da Proveniência teria advindo da famosa Circular de 24 de abril de 1841, editada por Natalis de Wailly, então chefe da seção administrativa dos arquivos departamentais do Ministério do Interior na França: *Instructions pour la mise en ordre et le classement des archives départementales et communales* (MELO, 2021).

No segundo, tem-se a complementação das primeiras definições, quando se discutem as práticas arquivísticas nas realidades de diferentes países. A abordagem francesa é questionada e adaptada, conforme outras perspectivas. Nota-se que a noção de fundo não teria uma aplicação única e doutrinária, inclusive culminando no Princípio da Proveniência, pelos alemães, que se diferencia do respeito aos fundos francês (KUROKI, 2016).

Nos Estados Unidos, a distinção entre os *records* e os *archives* delimita as particularidades dos documentos correntes/intermediários (administrativos) e dos permanentes (históricos), respectivamente, na gestão dos arquivos modernos (SCHELLENBERG, 1974). O Princípio da Proveniência, nesse contexto, visa à aplicação da organicidade e dos *records groups* em documentos administrativos, na gestão dos *record centers*.

Na Itália, o *Metodo Storico* objetiva a aplicação do Princípio da Proveniência nos arquivos de valor histórico e tem estrita relação com a Diplomática, na concepção do documento como fonte para o trabalho do historiador. A visão integrada canadense considera o duplo grau da proveniência, em que o Princípio da Proveniência desdobra-se no respeito aos fundos e no respeito à ordem original. Já na base espanhola, a procedência com duplo grau, análoga ao duplo grau da proveniência canadense, relaciona-se com a noção francesa de fundos, mas acrescenta o respeito à ordem original como um dos pressupostos para a aplicação dos princípios.

O terceiro momento histórico do Princípio da Proveniência o relaciona à organicidade em novas perspectivas, via releituras que buscam desvinculá-lo do fundo francês e do respeito aos fundos. Millar (2002) e Horsman (2002) descrevem que o respeito aos fundos tal como apresentado na literatura, exaltando o protagonismo francês, possuía problemas de aplicação, pois os conjuntos documentais haviam mudado, em sua lógica, e ficado mais complexos. Os avanços das sociedades também teriam contribuído para as dificuldades de aplicação do princípio francês, pois, à medida que ele foi se desenvolvendo, trouxe para os conjuntos formas de produção documental e, por consequência, novas tipologias. Como solução para as questões elencadas, há, segundo Millar (2002) e Delmas (2010), uma “nova proveniência” a ser posta em prática. Millar (2002) propõe uma nova configuração da noção de “fundo”: um conjunto de documentos, não apenas composto de documentos produzidos e recebidos (voltados para o produtor), mas advindos de acumulações e produção institucional (com enfoque nas relações orgânicas).

Passa-se a defender, desse modo, que a aplicação do Princípio da Proveniência e do respeito aos fundos deva ser realizada de maneira “intelectual”, lógica e não necessariamente física. A

“intelectualidade” já pode ser identificada na obra do italiano Eugenio Casanova, de 1928, ocasião em que ele analisa a divisão territorial e problemas de pertencimento jurisdicional dos arquivos. Observa-se, portanto, uma aproximação das práticas contemporâneas à parte da teoria clássica (e visionária) arquivística e ao uso de tecnologias da informação, flexibilizando noções e conceitos básicos conforme as novas dinâmicas de funcionamento das instituições e da própria configuração da Arquivologia, que, ao buscar a sua autonomia, traça um *continuum* teórico.

Os aspectos apresentados sobre o Princípio da Proveniência demonstram que a tradição arquivística, ou seja, o *habitus* da Arquivologia, amplia-se e amadurece, definido por movimentos dinâmicos de acordo com as regras do campo (conforme a sua lógica de funcionamento), regulado pelo capital científico, por sua vez, alinhado à atuação científica e institucional (política) dos agentes. O Princípio da Proveniência funciona, assim, como parte do capital, pois, tendo como base a organicidade, essência dos arquivos e da Arquivologia, fundamenta a convivência e a comunicação na comunidade científica, neste artigo representada pelos autores de manuais científicos.

À luz das noções de Bourdieu (1983, 2001, 2004) e do Método da História Cruzada (WERNER; ZIMMERMANN, 2003), pudemos constatar disputas práticas e teóricas no campo da Arquivologia, que influenciaram decisivamente a sua formação e suas configurações atuais no Brasil e no mundo. Por detrás dos arquivos, atores/autores apoiados por seus *habitus* e utilizando seus manuais como discursos no campo científico, movimentam-se e articulam-se via atuações político-institucionais que visam ao reconhecimento, ao prestígio, à autoridade e ao poder, mediante a ocupação de cargos estratégicos e de espaços legitimados de falas.

Nesse sentido, as interações entre os autores na comunidade científica nem sempre ocorreram pacífica e despretensiosamente, mas determinadas por interesses, em busca de reconhecimento, financiamento, posições, cargos e prestígio pessoal. Mesmo assim, a análise das biografias dos autores denota que as disputas estimularam e influenciaram pesquisadores a darem continuidade ao *habitus*, como numa grande árvore genealógica. Podemos mencionar a rivalidade entre Hilary Jenkinson (1965) e Theodore Schellenberg (1974) ou, ainda, os movimentos político-institucionais efetuados pelos arquivistas holandeses (MULLER; FEITH; FRUIN, 1973), conforme relatado em tese por Melo (2021). Registros de fazeres e saberes foram, então, passados de uma geração a outra, de um país a outro, de maneira a configurar científica e paulatinamente a Arquivologia.

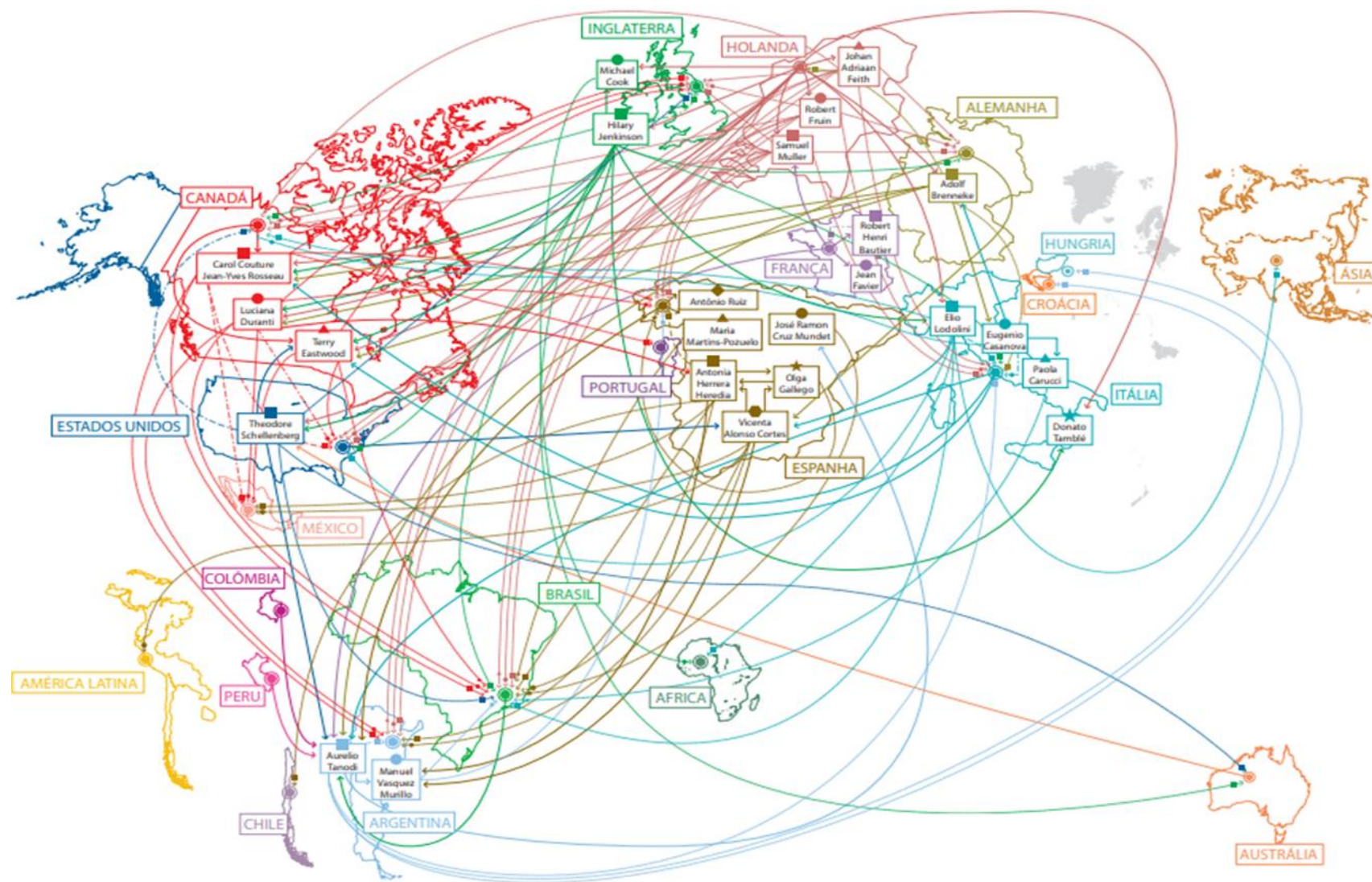
Em nossa pesquisa empírica, verificamos que os agentes, os autores dos manuais analisados, dialogaram entre si e se colocaram à disposição da comunidade e do campo, o que é representativo para a Arquivologia como um todo. Do total dos autores dos 32 manuais, 21 contribuíram para a formação e a capacitação dos arquivistas em cursos avulsos e programas de capacitação; 18 ocuparam cargos (secretarias e ou direção) em associações profissionais; 11 realizaram intercâmbios científicos, ou seja, viajaram para outros países para ministrar palestras, participar de cursos de formação etc.; oito receberam prêmios e condecorações por seus trabalhos e sua atuação de destaque na Arquivologia; e seis participaram da editoração ou arbitragem em revistas científicas arquivísticas.

Notamos que os autores supracitados também se engajaram em outras áreas (como na Literatura) e em movimentos sociais. Antonia Heredia Herrera, Maria Paz Pozuello e Olga Gallego movimentaram as discussões do feminismo e do empoderamento feminino. Aurélio Tanodi criou um programa de formação que visava equalizar os conhecimentos em Arquivologia em uma tentativa de institucionalização dos arquivos na América Latina. Michael Cook foi o único autor que atuou no continente africano, ao desenvolver capacitações e consultorias técnicas na Tanzânia, inclusive sendo Diretor do Arquivo Nacional do país, com o objetivo de objetivar a padronização do tratamento dos arquivos por toda *Commonwealth*.

Destacam-se, como grandes contribuidores e formadores da Arquivologia mundial: os arquivistas holandeses, no final do século XIX, por terem escrito o primeiro manual disseminado mundialmente e pelo registro do Princípio da Proveniência, ainda que em uma perspectiva voltada à ordem original; Hilary Jenkinson (1965), em sua obra da década de 1920, aborda as características dos documentos de arquivo (imparcialidade e autenticidade) à luz da Diplomática e da custódia; Adolf Brenneke (1968) foi o primeiro autor a delimitar a organicidade como a forma primária de expressão funcional dos documentos; Eugenio Casanova, que ponderou a abordagem intelectual/imaterial do Princípio da Proveniência; Theodore Roosevelt Schellenberg (1965), que inovou na sistematização da teoria da avaliação, com a proposta de uma metodologia que contemplasse os valores documentais (primário e secundário), as comissões permanentes de avaliação, a teoria das três idades e a gestão de documentos administrativos (MELO, 2021).

Assim, a Arquivologia, tal como a entendemos hoje, herda um *habitus* traduzido e registrado por esses autores, que por sua vez dialogam e se relacionam entre si, conforme relações representadas no Gráfico 1.

Gráfico 1- Relações teóricas dos autores dos manuais arquivísticos



Fonte: Melo (2021,p.167)

Nota-se, a partir do estudo das biografias dos autores do qual decorreu a esta figura, que a Arquivologia teve suas origens no hemisfério norte. Certamente, eventos como as Guerras Mundiais, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e a Guerra Fria propiciaram o aumento da produção e acumulação de documentos e, conseqüentemente, demandaram o desenvolvimento de princípios, métodos e técnicas, tendo em vista a sua recuperação e o seu acesso. Não podemos ignorar que as guerras impulsionaram os estudiosos e profissionais da área a buscarem soluções para os problemas de organização e preservação dos arquivos, culminando em avanços que se refletiram na compreensão da organicidade como essência dos documentos de arquivo.

Embora os autores das obras analisadas tivessem origens, histórias e contextos político-sociais diferentes, observamos um fio comum que os conduz ao entendimento da organicidade como essência dos arquivos e da identidade da Arquivologia. Ademais, a disciplina decorreu de práticas e experiências aplicadas empiricamente, aperfeiçoadas e registradas no decurso do tempo, em meio aos estudos e às reflexões propostas pelos autores. A empiria, desse modo, fomentou avanços práticos, que se desdobraram em estudos teóricos, que refletem na configuração científica da Arquivologia, ratificada pela formalização de métodos e técnicas e pela elaboração de marcos legais que oficializam a sua institucionalização.

O *habitus* da Arquivologia, na França, influência e repercute no *habitus* da disciplina em outros países, inclusive no Brasil (MARQUES, 2021), ainda que não tenha sido apropriado de maneira universal e intocável. Encontram-se, nos manuais, diferentes formas de se organizar e conceituar os conjuntos documentais, associadas ao Princípio da Proveniência, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1- Conjuntos documentos

Termo	Origem	Definição
<i>Archief</i>	Holanda	Conjunto de documentos escritos, desenhos e material impresso, recebidos ou produzidos oficialmente ou por determinado órgão administrativo ou por um de seus funcionários, na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia ou desse órgão ou funcionário
<i>Archive Group</i>	Inglaterra Australia África	Conjuntos (grupos) produzidos e utilizados no curso das transações administrativas, ou por instituições públicas ou privadas, os quais formam parte de um todo. Os Archives Groups formam-se nas relações entre as razões de produção dos documentos e seu produtor.
<i>Record Groups</i>	Estados Unidos	Conjuntos (grupos) produzidos e utilizados no curso das transações administrativas, por instituições públicas ou privadas, os quais formam parte de um todo. Os Records Groups formam-se nas relações orgânicas.

<i>Registratur e Corpo Arquivístico</i>	Alemanha	Separa-se o conceito de conjuntos documentais em duas camadas: pelo Registratur, ocorre a organização externa dos fundos; pelo corpo arquivístico, a organização interna. Ambos se relacionam com as funções e as atividades, assim como com as razões que resultaram na produção dos documentos
Fundo Espanhol	Espanha Argentina México	Conjunto de documentos produzidos e recebidos no decorrer das atividades administrativas, unidos e preservados segundo os conjuntos de relações (de produção, administrativas, orgânicas e jurisdicionais).
<i>Fonds</i>	França	Conjuntos de documentos reunidos ou constituídos ou por pessoas físicas ou por um organismo público ou privado, em decorrência de suas atividades, organizados e conservados segundo sua eventual utilização.
<i>Metodo Storico</i>	Itália	Conjuntos de documentos produzidos e acumulados com base na história da instituição ou da pessoa, cujas características se assemelham tendo em vista sua proveniência. Organizam-se segundo sua origem funcional.

Fonte: Melo (2021, p. 166)

Notamos que a formatação dos conjuntos documentais foi delineada e adaptada conforme as peculiaridades de cada país/região, levando-se em consideração os contextos e as necessidades institucionais, bem como a “escola” à qual cada autor(a) pertencia, reverberando na organização e definição das funções arquivísticas tal como observado no Quadro 2.

Quadro 2: Categorização do Princípio da Proveniência e das funções arquivísticas segundo os autores de manuais estudados.

Autor	Perspectiva do Princípio da Proveniência	Perspectiva da classificação	Perspectiva da avaliação	Perspectiva da descrição
MULLER, S.; FEITH, J. A.; FRUIN, R.	Respeito à ordem original	Ordenamento original	Sistemas de registro	Descritiva
JENKINSON, Hilary	Respeito aos fundos	Funcional	Por valores	Documental
CASANOVA, Eugenio	<i>Metodo Storico</i>	Funcional	Funcional	Descritiva
BRENNEKE, Adolf	Duplo grau	Ordenamento original	Sistemas de registro	Descritiva
SHELLENBERG, Theodore	Proveniência funcional	Classificação funcional	Por valores	Documental
TANODI, Aurélio	<i>Metodo Storico</i>	Funcional	Por valores	Arquivística
BAUTIER, Robert	Respeito aos fundos	Temática ou funcional	Funcional	Documental
CORTÉS ALONSO, Vicenta	Procedência	Funcional	Por valores	Arquivística
HEREDIA HERRERA, Antonia	Procedência	Funcional	Funcional	Documental/arquivística
VÁZQUEZ, Manuel	Procedência	Funcional	Por valores	Arquivística
CARUCCI, Paola	<i>Metodo Storico</i>	Funcional	Por valores	Documental

Autor	Perspectiva do Princípio da Proveniência	Perspectiva da classificação	Perspectiva da avaliação	Perspectiva da descrição
LODOLINI, Elio	<i>Metodo Storico</i>	Funcional/estrutural	Por valores	Arquivística
FAVIER, Jean	Respeito aos fundos	Temática ou funcional	Funcional	Documental
COOK, Michael	Respeito aos fundos	Funcional/estrutural	Por valores	Arquivística
LOPEZ GOMEZ, Pedro; GALLEGO DOMINGUEZ, Olga	Procedência	Funcional	Por valores	Documental
DURANTI, Luciana	Respeito aos fundos	Funcional	Funcional	Documental
EASTWOOD, Terry	Respeito aos fundos	Funcional	Por valores	Arquivística
TAMBLÉ, Donato	<i>Metodo Storico</i>	Funcional/estrutural	Por valores	Arquivística
ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol	Duplo grau	Funcional	Funcional	Arquivística
CRUZ MUNDET, José Ramón	Procedência (respeito aos fundos)	Funcional	Por valores	Arquivística
RUIZ RODRÍGUEZ, Antonio Ángel	Procedência (respeito aos fundos)	Funcional	Por valores	Arquivística
MARTIN-POZUELO CAMPILLOS, M. Paz	Procedência em duplo grau	Funcional	Por valores	Arquivística

Fonte: Melo (2021, p. 169)

A organicidade encontra seu cerne nos conjuntos documentais que dialogam e se conectam com os contextos de produção e acumulação dos documentos organizados em três perspectivas: relações orgânicas; relações funcionais e relações de produção. A primeira abordagem, por relações orgânicas, tende a propor sistemas de classificação estruturais e/ou funcionais, avaliação por valores dos documentos (primários e/ou secundários) e descrições em que prevaleçam descritores que detalham os contextos de produção. A segunda abordagem, por relações funcionais, tende a propor sistemas de classificações funcionais, avaliação funcional e descrição arquivística, ou seja, levam-se em conta as qualidades e os elementos fundamentais dos conjuntos documentais numa perspectiva multinível. A terceira abordagem, por relações de produção, utiliza sistemas de classificação funcionais fundamentados na ordem original, avaliação a partir dos sistemas de registros (ordenamento e uso funcional) e descrição com a elaboração de listagens. (MELO, 2021)

Pode-se, desta forma, categorizar as três funções arquivísticas analisadas. A classificação pode ocorrer de maneira: funcional (com base em funções), estrutural (de acordo com a estrutura e o organograma) e temática (por assunto). (SCHELLENBERG, 2005). A avaliação pode se dar pelos valores dos documentos, primário e/ou secundário, (SCHELLENBERG, 2005) ou funcionalmente pela junção das funções administrativas e sociais dos documentos (COOK, 1986). A descrição pode

ser: documental (analisa documentos e seus aspectos diplomáticos, jurídicos e de conteúdo); descritiva (inventário dos documentos) ou arquivística (representação das qualidades e dos contextos dos documentos ou de seus conjuntos).

Há, ainda, “subprincípios” aplicados a elas. Schellenberg (1965), por exemplo, sugere o respeito aos fundos como princípio da classificação, enquanto os holandeses utilizam a ordem original. O princípio da avaliação, segundo os autores canadenses (COUTURE; ROUSSEAU, 1996), seria o respeito à ordem original na perspectiva funcional. Para a descrição, os autores espanhóis apontam para o duplo grau entre o respeito aos fundos e o respeito à ordem original.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores, diante de suas histórias e seus escopos de atuações e discussões, apropriam-se de conceitos básicos e do Princípio da Proveniência entre os campos sociais, discursivos e científicos nos quais se inserem. As delimitações, ou seja, suas opções teóricas não acontecem ao acaso, mas condicionadas por contextos e acontecimentos históricos relacionados às histórias de suas vidas e sociedades, nos movimentos de transcendência da ciência, tal como preconiza Knorr-Cetina (1981). Fragmentos dessas histórias, registrados em suas biografias, nos permitiram visualizar, de cada um dos autores, os contextos sociais, as formações/titulações, alguns traços de personalidade, suas redes de sociabilidade, seus (des)encontros e suas interlocuções. Esse percurso histórico-epistemológico foi necessário e de suma validade para compreendermos, de maneira menos ingênua e mais clara, parte dos saberes e dos fazeres arquivísticos que têm por essência conceitos balizares como a organicidade, os princípios e as funções arquivísticas.

Trouxemos a análise de 32 manuais, somada às biografias dos seus autores. Nossas lentes teóricas—destacadamente a noção de *habitus* de Bourdieu (1983, 2001, 2004), apropriado como um *habitus* da Arquivologia—, nos permitiram visualizar as interfaces entre o Princípio da Proveniência e as funções arquivísticas (classificação, avaliação e descrição), situadas no tempo e no espaço dos autores e da redação dos manuais que compuseram o nosso universo de pesquisa, bem como em seus contextos de utilização e aplicação, ainda que teóricos.

Os aspectos apresentados sobre o Princípio da Proveniência demonstram que o *habitus* da Arquivologia se desenvolveu e agregou, ao campo científico, impressões que o tempo incorporou a essa disciplina. Pudemos perceber que a tradição arquivística, ou seja, o *habitus* da Arquivologia, amplia-se e amadurece em movimentos dinâmicos, segundo a lógica de funcionamento do campo, regulado pelo capital científico, conforme as atuações científicas e institucionais dos agentes que o

compõem. O Princípio da Proveniência funciona, assim, como parte do capital, pois, tendo como base a organicidade, essência dos arquivos e da Arquivologia, fundamenta a convivência desses atores na comunidade científica.

Inferimos, ainda, que se pode identificar grandes centros de irradiação da teoria arquivística nos espaços holandeses, franceses, italianos, latino-hispânicos e anglo-saxônicos. Esses centros configuram-se historicamente como cenários de discussões científicas, onde interlocuções e reflexões transc científicas acontecem. Em fronteiras porosas que propiciam influências políticas, científicas, históricas, dentre outras, realizam-se estudos e registros científicos da Arquivologia em manuais que os transcendem espacial e temporalmente. Pela análise dos manuais, pode-se observar os diálogos teóricos e os (des)ligamentos realizados pelos autores, bem como as repercussões das suas ideias no *habitus* que conforma a comunidade arquivística, especialmente no tocante ao Princípio da Proveniência e às funções arquivísticas.

Por fim, entendemos, a partir deste artigo, de cunho histórico e epistemológico, que pesquisas desta natureza demonstram, ainda que em recorte, a trajetória teórica da Arquivologia no Brasil e no mundo e podem parecer pouco aplicados, porém compreendemos que eles são, e verdade, atemporais e necessários. A visão e o entendimento da gênese de conceitos, princípios e teorias são e serão munção para discussões aplicadas uma vez que constituem o cerne e os pilares de questões contemporâneas, por exemplo, as tecnologias e os documentos arquivísticos digitais.

REFERÊNCIAS

BELLOTO, Heloísa Liberalli. Por uma sistemática arquivística. **Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v.8, n. 2, p.7-8, maio/ago, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Science de la Science et réflexivité**. Paris: Raisons d’agir Editions, 2001.

_____. **Os usos sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRENNEKE, Adolf. **Archivistica contributo ala teoria ed ala storia archivistica europea**. Milano: Prima, 1968.

CASANOVA, Eugenio. **Archivistica**. 2. ed. Siena: Stab. Arti Grafiche Lazzeri, 1966.

COOK, Michael. **The Management of Information from Archives**. England: Gower Publishing Company, 1986.

DELMAS, Bruno. **Arquivos para quê?** São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso (IFHC), 2010.

GOMES, Camila Daniela Lima de. **Contribuições histórico-epistemológicas da organicidade como nível de integração teórica da Arquivologia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília.

JENKINSON, Hilary. *A Manual of archive administration*. 2. ed. London: Percy Lund, Humphries and Co., 1965.

KNORR-CETINA, Karin D. The scientist as a socially situated reasoned: from scientific communities to transscientific fields. In: **The manufacture of knowledge: an essay on the Constructivist and Contextual Nature of Science**. Oxford: Pergamon, 1981.

KUROKI, Ívina Flores Melo. Princípios arquivísticos na literatura internacional e nacional: mapeamento do Princípio à Ordem Original. In: **9º Congresso de Iniciação Científica do DF/UnB**, 2011, Brasília. UnB 50 anos: Pesquisa e Inovação. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 33-34.

_____. **Demarcações conceituais dos princípios científicos da Arquivologia e da Ciência da Informação**: contribuições para a configuração científica das disciplinas no campo da informação. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil**. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

_____. **Interloquções entre a Arquivologia nacional e internacional no delineamento da disciplina no Brasil**. 2011. 399 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, 2011.

_____. *Habitús*, campo científico e capital científico da Arquivologia no campo da informação: internacionalização, institucionalização e relações de uma disciplina. In: LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira; SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da (Org.). **A Ciência da informação encontra Pierre Bourdieu**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017, p. 223- 244.

_____. **Contribuições francesas para a institucionalização da Arquivologia brasileira**. Rio de Janeiro: IBICT, 2021. (Coleção PPGCI 50 anos: IBICT). 248p .

MELO, Ívina Flores. **As funções arquivísticas à luz do Princípio da Proveniência**: um *habitus* em construção. 2021. 218 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MILLAR, Laura. The Death of the fonds and the resurrection of Provenance: archival context in space and time. **Archivaria**, Ottawa, n. 53, 2002.

MULLER, Samuel; FEITH, Johan Adrian; FRUIN, Roberts. **Manual de arranjo e descrição**. 1 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a História Cruzada: entre a empiria e a reflexividade. **Textos de História**, Brasília, v. 11, n. 1/2 2003.

APÊNDICE A – Manuais arquivísticos internacionais utilizados na pesquisa, segundo a literatura da área (1898-2000)

AUTOR(A)(ES)	OBRA	LOCAL DE PRODUÇÃO	1ª EDIÇÃO	ANO DA EDIÇÃO ANALISADA*
MULLER, Samuel; FEITH, Johan Adriaan; FRUIN, Robert	<i>Handleiding voor het ordenen en beschrijven van archiven</i> (Manual de arranjo e descrição de arquivos – Manual dos Arquivistas Holandeses)	Holanda	1898	1973 (tradução)
JENKINSON, Hilary	<i>A Manual of archive administration</i>	Inglaterra	1922	1965
CASANOVA, Eugenio	<i>Archivistica</i>	Itália	1928	1966
BRENNEKE, Adolf	<i>Archivkunde: ein Betrag zur Theorie und Geschichte des Europäuschen Archivwesens</i> (Archives: a contribution to the theory and history of European Archives)	Alemanha	1953	1968
SCHELLENBERG, Theodore	<i>Modern archives: principles and techniques</i>	Estados Unidos	1956	2006 (tradução)
TANODI, Aurélio	<i>Manual de Archivología Hispanoamericana: teorías e principios</i>	Argentina	1961	1961
BAUTIER, Robert-Henri	<i>Les archives</i>	França	1961	1961
SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt	<i>Public and private records: their arrangement and description</i>	Estados Unidos	1963	1980
ASSOCIATION DES ARCHIVISTES FRANÇAIS	<i>Manuel d'archivistique: théorie et pratique des archives publiques en France</i>	França	1961	1991
SOCIETY OF AMERICAN ARCHIVISTS	<i>Basic Manual Series I and II</i>	Estados Unidos	1977	1977
CORTÉS ALONSO, Vicenta	<i>Documentacion y documentacion</i>	Espanha	1979	1980
HEREDIA HERRERA, Antonia	<i>Manual de organización de fondos de Corporaciones Locales. El Archivo de la Diputación Provincial de Sevilla</i>	Espanha	1980	1991
DISPUTACIÓN PROVINCIAL DE SEVILLA	<i>Archivística: estudios básicos</i>	Espanha	1981	1981
VÁZQUEZ, Manuel	<i>Manual de selección documental</i>	Argentina	1982	1982
BERNER, Richard C.	<i>Archival Theory and practice in the United States: a historical analysis</i>	Estados Unidos	1983	1983

AUTOR(A)(ES)	OBRA	LOCAL DE PRODUÇÃO	1ª EDIÇÃO	ANO DA EDIÇÃO ANALISADA*
MATA CASTILLÓN, José Manuel; NÚÑEZ CONTRERAS, Luis; HEREDIA HERRERA, Antonia	<i>Archivística: estúdios básicos</i>	Espanha	1983	1983
HEREDIA HERRERA, Antonia	<i>Archivística general: teoría y práctica</i>	Espanha	1984	1991
CARUCI, Paola	<i>Le fonti archivistiche: ordinamento e conservazione</i>	Itália	1983	2010
LODOLINI, Elio	<i>Archivística: principi e problemi</i>	Itália	1984	1993
NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS SERVICE	<i>A modern archives reader: basic readings on archival theory and practice</i>	Estados Unidos	1984	1984
FAVIER, Jean	<i>Les archives</i>	França	1985	1985
COOK, Michael	<i>The management of information from archives</i>	Canadá	1986	1986
PEDERSON, Ann	<i>The management of information from archives</i>	Austrália	1986	1987
LOPEZ GOMEZ, Pedro; GALLEGRO DOMINGUEZ, Olga	<i>Introduccion a la Archivista</i>	Espanha	1989	1989
DURANTI, Luciana	<i>Diplomatics: new uses for an old Science</i>	Canadá	1989	1996
BAILEY, Catherine	<i>Archival theory and electronic records</i>	Estados Unidos	1989-1990	--
EASTWOOD, Terry	<i>The archival fonds: from theory to practice</i>	Estados Unidos	1992	1992
DIRECTION DES ARCHIVES DE FRANCE	<i>La pratique archivistique française</i>	França	1993	1993
SOCIETY OF AMERICAN ARCHIVISTS / ASSOCIATION OF CANADIAN ARCHIVISTS	<i>Canadian archival studies and the rediscovery of provenance</i>	Canadá	1993	1993
TAMBLÉ, Donato	<i>La teoria archivistica italiana contemporanea: profile storico critico (1950-1990)</i>	Itália	1993	1993
ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol	<i>Les fondements de la discipline archivistique</i>	Canadá	1994	1998 (tradução)
CRUZ MUNDET, José Ramón	<i>Manual de Archivística</i>	Espanha	1994	2001

AUTOR(A)(ES)	OBRA	LOCAL DE PRODUÇÃO	1ª EDIÇÃO	ANO DA EDIÇÃO ANALISADA*
RUIZ RODRÍGUEZ, Antonio Ángel	<i>Manual de Archivística</i>	Espanha	1995	2008
MARTIN-POZUELO CAMPILLOS, M. Paz	<i>La construcción teórica en Archivística: el principio de procedência</i>	Espanha	1996	1996

* Indicamos as obras das quais fizemos a leitura da tradução.

NOTAS DE AUTORIA

Ívina Flores Melo

Possui graduação pela Universidade de Brasília (2006) em Letras-Tradução e Arquivologia (2011) na Universidade de Brasília. Pós-graduada em Gestão Arquivística de Documentos, Mestre e Doutora em Ciência da Informação. Pesquisadora na área da gestão arquivística de documentos digitais e seus ambientes de gestão. Membro do Comitê CE 14:000 da ABNT para tradução de normas de gestão de documentos. Atualmente, é servidora do Ministério da Saúde no cargo de Tecnologista em Ciência e Tecnologia (Gestão da Informação e do Conhecimento) e Pesquisadora Colaboradora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no Projeto Hipatia.

Link Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/7935904336417258>

Angelica Alves da Cunha Marques

Doutorado (2011) e mestrado (2007) em Ciência da Informação; graduação em Arquivologia (2003), pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutoramento junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UnB e da *École Nationale des Chartes/Sorbonne* (Paris), entre 2014 e 2015. Professora do Curso de Arquivologia da UnB desde 2009. Vice-líder do grupo de pesquisa Fundamentos históricos, epistemológicos e teóricos da Arquivologia (FHETA). Credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ como docente permanente, desde 2020, onde desenvolve projeto de pesquisa sobre os fluxos do conhecimento arquivístico entre os países do Sul no contexto pandêmico. Esteve credenciada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UnB entre 2013 e 2022, no qual orientou a tese “As funções arquivísticas à luz do Princípio da Proveniência: um habitus em construção”, que resultou neste artigo.

Link Currículo Lattes – <http://lattes.cnpq.br/2413567691663920>

Renato Tarciso Barbosa de Sousa

Possui graduação em História pela Universidade de Brasília (1990), especialização em Organização de Arquivos pela Universidade de São Paulo (1992), mestrado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília (1995) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente, é professor associado do Curso de Arquivologia e diretor da Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Estudos de Representação e Organização da Informação e do Conhecimento. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Organização de Arquivos, atuando principalmente nos seguintes temas: arquivologia, organização e recuperação de arquivos, gestão de documentos, formação profissional e políticas públicas de arquivo.

Link Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/9941441906608746>